

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.3.º D. — Telefone 27136.

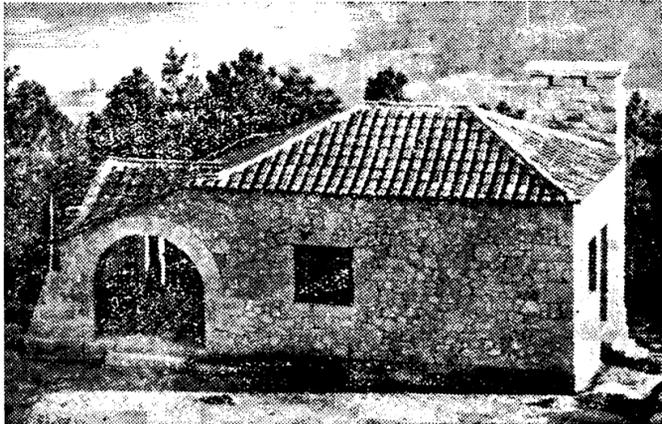
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO — Administrador — PEDRO NUNES DE FREITAS

Citânia de Briteiros

Hoje, às 10 horas, é solenemente inaugurada a Casa do Guarda da Estação Arqueológica da Citânia de Briteiros, devendo aquele acto revestir grande imponência.

Foram convidadas várias entidades entre as quais o Director



Geral dos Monumentos Nacionais, Governador Civil do Distrito, Administrador do Concelho, Câmara Municipal, Arquitecto Baltazar de Castro, Dr. Mendes Correia, Imprensa, etc., às quais será oferecido um almoço, às 13 horas, no Hotel da Estância da Penha.

A nossa gravura dá-nos um aspecto da interessante casa que hoje se inaugura festivamente

O «Notícias de Guimarães» agradece o convite que lhe foi feito para assistir às cerimónias acima mencionadas.

Os três avôsinhos

UNIDOS, SEMPRE OS TRÊS, NA DOCE COMUNHÃO DA MAIS DIVINA ARTE, EU OUÇO-OS DELIRAR OS SONHOS IMORTAIS DE CHUBERT E CHOPIN, BEETHOVEN, OFFENBACH E LISZT E MOZART...

TRÊS PUROS CORAÇÕES TORNADOS CORAÇÃO DUM FRATERAL AMOR! — AMOR VIVO A PULSAR ACORDES DE TERNURA, HARPEJOS DE EMOÇÃO, NA HARMONIA DESFEITA EM BEIJOS DE LUAR!...

AVÔZINHOS OS TRÊS, NEVADOS PELA IDADE, MAS DENTRO D'ALMA SEMPRE O RISO E A MOCIDADE, QUEM OS SEPARA, QUEM?!... LÁ SEGUEM SEUS DESTINOS...

LONGE, JUNTOS ESTÃO!... «OS VELHOS, COMO NÓS, NÃO SE SEPARAM MAIS!... NÓS SOMOS TRÊS AVÓS QUE NOS VEREMOS SEMPRE EM SONHOS DE MENINOS!...»

FEVEREIRO DE 1935.

DELFINO DE GUIMARÃES.

Esquema semanal

TEATRO ITALIANO

Bem se diz que a Itália usa e abusa do teatro para realce de todos os seus actos privados ou públicos!

Esmagada sob a tutela fascista, a Itália dos nossos dias criou o secretariado da mentira nacional para lançar poeira aos olhos do mundo, forjando uma felicidade que não existe e apregoando um paraíso que não passa dum inferno.

Há muito quem julgue que a verdade é aquela que escorre através das colunas dos jornais e que tudo quanto se possa escrever em contrário sobre o regime fascista não passa duma intriga bem urdida, malefício de Belzebub ou coisa parecida. Há pessoas que conquistaram confiadamente as consideradas «boas intenções» e a estas repugna acreditar que os evadidos da verdade surjam a desmentir as patranhas postas a correr mundo.

Mas, lá diz o ditado: «Nem tudo o que luz é ouro» — e vem-se a constatar a realidade dos factos.

E assim, segundo opinião daqueles a quem a necessidade obriga a visitar a Itália, podemos ser autorizados a declarar o seguinte:

— A Itália atravessa uma grave crise económica.

— A vida do povo italiano é desesperada e acusa um aumento de custo que é um pavor.

— Os não simpatizantes do fascismo são votados ao abandono e poder-se-iam

considerar os cães vadios das vielas, se não se tratasse de entes humanos — seres racionais.

— A obediência ao fascismo é uma obrigatoriedade.

— As conversas são «filtradas» a bel-prazer dos adeptos de Mussolini.

— A ironia do Destino, ao fim e ao cabo, é um som desafinado da trombeta da Fama.

CODOS E ROSSI

Em virtude de avaria, os aviadores franceses Codos e Rossi, tiveram de desistir da travessia do Atlântico-Sul feita num só voo. Amaram na cidade da Praia, no nosso arquipélago de Cabo Verde, e pediram a assistência dum técnico para a desmontagem do aparelho e revisão do motor.

Em vésperas dum feito igual praticado por aviadores portugueses, Costa Macedo e Carlos Bleck, vão os nossos votos para uma mais venturosa e feliz viagem do que aquela que foi interrompida pelos dois grandes «azes» franceses.

A «GRIPE» QUE MATA

Muita gente não liga importância de maior à «gripe». Acha-a uma doença de pequenos efeitos, de fácil cura, coisa de somenos, e sorri-se ao saber que ela grassa em qualquer parte, confiante nos preventivos. Porém, lido um telegrama de Madrid e que anuncia 65% de «gripados», apreciada a informação que nos relata 100 mortes em Saragoça, atacados desta doença, no curto prazo de uma semana, hemos de considerar um mal que requer solícitos cuidados e também con-

Aniversário de um Sacerdote exemplar

No passado dia 21 ocorreu o aniversário natalício do Rev. José Ferreira Leite, o muito digno Padre Mestre da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, que desde há alguns anos vem desempenhando aquele honroso cargo com toda a caridade própria do seu hominissimo coração. A Ordem Terceira de S. Domingos tem no ilustre Sacerdote um carinhoso protector de seus pobres enfermos e as dignas Irmãs hospitalares um amigo desvelado, pronto sempre a acudir a todas as necessidades, quer sejam de natureza espiritual, como até — se tanto for preciso — material. Eis um caso digno de ser apontado nos tempos que vão correndo, em que o mais inqualificável egoísmo impera nas sociedades, acobertado com falsas capas de hipocrisia, que facilmente se descobrem...

O Rev. Ferreira Leite — pudesse ele mais! — não se limita, pois, a exercer a sua missão eclesiástica apenas restringindo-se ao cumprimento de seus deveres canónicos; ele vai mais além: fiel intérprete da verdadeira doutrina cristã, procura, por todos os meios ao seu alcance, traduzi-la não só por palavras como nas melhores obras de piedade, socorrendo, tanto quanto pode, aqueles que sofrem e estão ao alcance da sua mão generosa. Sentindo as dores alheias como se fossem suas e animado da mais ardente fé, acode à cabeceira dos doentes e moribundo, esfor-



quando se em mitigar-lhes os seus sofrimentos ou confortá-los com as douradas consolações. E feliz do que morre, ouvindo dos seus lábios a palavra de Deus, como música celeste a conduzir aqu-la alma para as «lesteas paragens»!

Essencialmente, e por fadole própria, virtuosissimo, dir-se-ia que os seus olhos nunca viram o pecado, apenas ouvindo falar nele como coisa terrível. O mundo significa assim para ele um exílio passageiro, onde apenas dá gosto esperar pelo dia da ressurreição.

Rousseau disse «que a natureza não obedece aos impostores»; nós acrescemos que Deus não pode conhecer os que o não amam. Porque na verdade só devem considerar-se seus leais servidores aqueles que de boa-fé, e com a mais arreigada convicção, se tornaram seus vassallos. Ninguém se iluda, portanto, com aparências irrisórias, porque mais aumenta a ingratidão para Aquele, cujo poder incomensurável se alastra a todo o ser criado.

Mas que nos perdõe o muito digno Padre-Mestre da Ordem Dominicana estas ligeiras considerações sugeridas a propósito da passagem do seu aniversário; nós não queríamos de nenhum modo perturbar a sua bem conhecida modestia e receamos até que deste modo a sua sensibilidade se altere um pouco. Mas, perdão! Trata-se de um Vimaranesa, e nós queremos apontá-lo como nobre Exemplo de Virtudes cristãs, como protótipo do bom-Sacerdote, tão certo é que falando assim não faltamos à verdade — que colocamos acima de tudo.

Assim terminando, felicítamo-lo viva e sinceramente, desejando-lhe as melhores bênçãos de Deus não só para si, como ainda para sua tão querida e estremosa Mãe, que a seu lado vive, compartilhando de suas alegrias e tristezas.

Pró-Monumento.

A noventa dias de vista.

Vem, de 22 de novembro do ano findo, a promessa do auxílio da Câmara Municipal para o monumento dos mortos da Grande Guerra. São decorridos, por consequência — à data de hoje — mais de noventa dias, após a memorável sessão, que resolveu tam importante assunto, e é isso, justamente, o que a torna memorável. O «Notícias de Guimarães», de 3 do corrente, relata: — «Na sala nobre da Câmara Municipal e a convite da C. A., reuniram-se as Associações Comercial e Industrial, Empregados do Comércio, Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães e Sub-Agência da L. dos C. da G. Guerra, para tratarem do assunto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Depois de trocadas impressões foi resolvido confiar à Sub-Agência da Liga a escolha da Comissão que há-de iniciar os trabalhos para a construção do referido monumento.» — No número seguinte, de 10, lêmos ainda: — «O sr. A. L. de Carvalho, ilustre vereador da C. A. da Câmara Municipal, conferenciou com a digna Comissão Administrativa da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, acerca da construção do Monumento aos bravos soldados que pela Pátria souberam bater-se nos campos da batalha.» E nada mais se fez, até ao presente, ou seja a noventa dias de vista; é pouco, quasi nada, mesmo; podia e devia ter-se feito mais, sem dispêndio dum esforço por afalém.

Que melhor ocasião que a da reunião do dia 3, na Câmara, onde estavam reunidas as forças produtoras de Guimarães — *parte a imprensa que não figura no relato* — para se escolher, logo, a Comissão de cuja escolha a Liga foi incumbida? Não estava a Liga representada na reunião? Como se explica a delongas? Só se nos depara uma razão, aliás repugnante: a perda de tempo. De facto e, sem que o nosso modo de ver envolva melindres ou censuras propositadas, para quem quer que seja, muito principalmente para a Câmara e para a Liga, em três meses, podia e devia ter-se feito mais. O tempo decorrido de 22 de novembro do ano findo, até 31 de janeiro, ou sejam setenta dias, pode e deve considerar-se tempo morto. Ora, tempo morto, é tempo perdido, tempo que não volta, tempo que não se readquire e a memória dos nossos queridos mortos — esquecida irreverentemente há 17 anos — não mereça essa *velocidade de via reducta*, mas antes, sem favor de nenhuma espécie, uma velocidade acelerada, para ver se conseguimos saldar, este ano, essa dívida que — para vergonha nossa e de Guimarães inteira — se arrasta vai para duas dezenas de anos! Por este andar, porém, temos razões para presumir, pelo menos, que o pagamento dessa dívida sagrada a todos os títulos, virá difícil e tardar-se este ano, mas a protelar-se por mais tempo ainda. O trabalho mais difícil, de arrotear um terreno sáfaro, onde só medrava o cardo, de criar ambiente e purificar a atmosfera, levou-nos três anos de cogitações intensas e, até, de vigílias persistentes. Conseguido isso, julgávamos que o resto, que não tem comparação possível, iria depressa e, afinal, constatamos que vai devagar; mesmo muito devagar; tam devagar, que receamos não chegue ao fim. Quer-nos parecer que nos três meses decorridos, havia tempo, de sobra, para nomear a Comissão, elaborar o caderno de encargos e pôr a concuro a construção do monumento, se é este o processo que se pretende pôr em prática. Aproxima-se o dia 9 de Abril, aniversário da batalha do Lys, em que a «Brigada do Minho» de que faziam parte os filhos de Guimarães, incorporados no 4.º batalhão, se cobriu de glória, sem que Guimarães — *durante 16 anos* — lhes tivesse prestado qualquer homenagem à altura do seu feito e, muito menos, do seu sacrificio-máximo, que nenhum outro pode igualar: *a perda da vida!*

Faltam, apenas, 43 dias para chegarmos ao 9 de Abril; com a velocidade empregada, até agora, é de crer que essa data refulgente da nossa intervenção na Grande Guerra tenha, em Guimarães, a mesma indiferença dos anos anteriores. Pois não devia ser assim. Repetimos o que já dissemos: nesse dia, para honra e glória de Guimarães, devia fazer-se uma romagem ao local onde se há-de erguer o monumento, que logo ficaria vedado religiosamente. De 22 de novembro, a 8 de abril, vão nada menos de 4 meses e 17 dias; tempo de sobra para se terem conduzido os trabalhos — que nada têm de transcendentes — para que a romagem solicitada, ou lembrada, se realizasse. Fazendo, porém, as contas, verifica-se que a 43 dias do 9 de abril, temos, no activo, uma reunião e uma conferência; no passivo, o monumento; é um balanço desolador.

A conclusão que tiramos, poderá vir a ser irrónea, mas não asiática; se, em três meses, não se conseguiu localizar o monumento e levar a efeito a romagem, no dia 9 de abril, não é, também, nos sete meses que faltam (11 de novembro) que o monumento se levantará. E, então, teremos de esperar mais um ano, ainda, para que o monumento aos Mortos da Grande Guerra venha aumentar o património artístico de Guimarães. É natural que ainda haja outra reunião para a Liga apresentar o nome dos individuos que ha-de constituir a Comissão; a seguir uma outra para a Comissão tomar posse; depois, outra, ainda, para a escolha dos diversos cargos que, cada um há-de desempenhar. E, se a estas três reuniões, juntarmos outras tantas conferências, já aqui temos trabalho para seis meses! Consideremos, ainda, que o carnaval está à porta e que a preparação das festas da cidade exige locubrações e canceiras e que não darão tempo a que se pense no monumento e verem, então e só então, onde tudo isto vai parar.

Viva a folia! Os mortos que esperem! Para que servirá, afinal, o monumento dos mortos da Grande Guerra, perguntarão os ígnaros, *os negativos* e todos os que — devido à sua reduzida mentalidade, tam reduzida como a bitola do caminho de ferro — consciente ou inconscientemente, têm contribuído para que o monumento não esteja ainda de pé? Resposta a dar-lhes — o monumento tem dois fins o primeiro dos fins é pagar uma dívida de gratidão aos nossos irmãos que morreram na Grande Guerra; o segundo lavarmo-nos duma vergonha que nos vexa e humilha, vai para 17 anos, sem que vós, na vossa super-ignorância do mais elementar civismo, tenhais dado por ela!

Lisboa, Fevereiro de 1935.

MANUEL DE GUIMARÃES.

vencer-nos que o nosso organismo não é bem o motor dum automóvel.

O SILÍCIO E A TUBERCULOSE

A Academia de Ciências Francesa foi entregue a comunicação dos professores da Universidade de Saragoça, acerca do papel do que o silício desempenha na tuberculose, verificando-se que a frequência daquela mal está na razão inversa da abundância de silício no organismo.

LAFÈCÈ.

FESTAS DA CIDADE

É tempo de se ir pensando na realização das Festas da cidade, pois estamos à distância de cinco meses, tempo já insufficiente, a nosso ver, para se levar a cabo alguma coisa de geito.

Como no que respeita a dinheiro, a C. A. da Câmara já disse da sua justiça, parece-nos que há necessidade de lançar mãos à obra, escolhendo aptidões e boas

vontades, para que não tenhamos de ficar mais um ano a *ver navios*...

Se a lembrança parecer acertada que se procure pô-la em prática.

Bráulio Caldas — o Poeta

Tomaram maior actividade, como era de esperar, os trabalhos da organização da justa homenagem a prestar pelos amigos e admiradores do Poeta Bráulio Caldas, a qual será levada a efeito, segundo fidedignas informações, na próxima Primavera, na linda Estância da Penha que tantas e tão sublimes produções literárias inspirou ao talentoso cultor das letras.

Jerónimo Sampaio não descansa e à sua volta os muitos admiradores do saudoso Bráulio aguardam a hora de lhe prestarem a sua homenagem, culto duma grande veneração.

..... Visado pela
Comissão de Censura.

Pecúlio para acrescidas reportagens

IV

A ILHA DOS AMORES

Quem subir as Capuchinhas e se encaminhe para o lado da Costa, pela linha do Caminho de Ferro, antes da rampa que dá acesso ao antigo convento e está marcada com uma passagem de nível, encontrará num fundo, voltado à cidade, um local aprazível e resguardado, mais conhecido pela *Ilha dos Amores*, que à maravilha tem servido a tentação de muitos pares enamorados e onde os «famintos beijos», o «mimoso choro», os «afagos suaves» e os «risinhos alegres» são e rebóam em estrofes de puro amor, como se por ali se lograssem sombras de deusas para quem o cansaço é venturosa prisão da vontade do inimigo.

Magnífico, ridente e sobrecoberto da verdura da folhagem de faias e cerdeiras que se enlaçam em apertados abraços, precintadas as copas em dossel, logo que a Primavera chega e enche a terra de maravilha e o Sol saltita latente e dissimulado em espanejadoras reflexões, aquele perfeito latibulo é um belo esconderijo para segredos e confidências, o ponto de atracção para o rasgar da honesta pudicícia das virgens que residam nesta cidade.

Escândalo? Sexualismo? Desonestidade? Nada disso, ou coisa que se lhe compare. Há de facto um apeductismo feminino que contrasenha o mistério que envolve aquele pequeno eden de amor — um cântico de versos fesceninos a prender, captivar e a prometer, cântico tão extranho que sanfonia as cabecitas frágeis e os corações prunobos, como se a fraqueza da mulher seja uma flor que enurcheça logo que se corte ou deliquio voluptuoso.

Mistério, sim, e que um fio de água encerra! Cossa oculta e que a Aurora trás em seu dealbar de rosa e ouro depois!

— Mas viste o irresistível ou sentiste a ferida aberta pela seta de Cupido?
— Eu não, meu senhor. Nem sei como explicar o engano a que me sujeitei!
— Então, como dever aclarar a tua infelicidade e o concebimento que te deformou momentaneamente o corpo?

Um rubor intenso afogueou-lhe as faces e um choro convulso fê-la estremecer dos pés à cabeça.

Meses decorridos, obtive a explicação.

A nossa entrevistada fôra servir para a casa duma das mais respeitáveis famílias vimaraneses, atingido o limite de idade para a continuidade do seu internamento no Asilo, ela que era orfã de mãe, e via-se educada dentro dos considerados rígidos princípios da cristandade.

Humida, sempre olhando com espanto o mundo exterior, tudo se exprimia no — ai Jesus! sumido com que dava largas aos seus profundos suspiros, tão despreocupados como reveladores de ingenuidade.

Reparava que os olhos dos homens se fixavam demoradamente na contemplação da esbelta e dona do seu corpo, ouvia-lhes palavras nimbadas de ternura e sentia o contacto das mãos dos considerados mais atrevidos, que, por vezes, a arripiava sem saber explicar o porquê...

Finda a primeira semana de serviço, na noite de domingo foi-lhe comunicado que devia levantar-se ao toque da Missa das Almas para ir lavar roupa ao Tanque do Campo da Feira, firme na convicção de que pelas 8 horas estava de volta a casa para tratar do almoço dos patrões. Dito e feito. Junta a roupa, numa bacia de zinco, mal soara ainda a primeira badalada na Torre da Igreja de S. Pedro, e já ela chegava ao rio, sabão e água, chape que chape. Num desembaraço de boa lavadeira, muito peculiar em todas as criadas que entram a servir em casa nova e que desejam adquirir a consideração dos amos.

Uma peça e outra de roupa, sósinha, debaixo daquele telheiro, a cada gesto via aumentar-se-lhe a proeminência dos seios, ofegante, enquanto que o escorrer da linfa na madre cantarolava uma melodia queixosa e amorifera.

Por vezes, presentia um ruído maior, risonante e confuso, semelhante ao patear de animal em liberdade e restolhando como se percorresse um milharal.

Olhava em redor de surpreendida, e subia nos ares uma gargalhada impressionante e motiva.

Cumprida a tarefa, reverberava a luz para as bandas da Penha, clareante e suave, despertando a cidade do sono em que estava mergulhada.

De regresso, bacia à cabeça e miangas arregaçadas, teve encontros, salvava quem lhe correspondia, as leiteiras, e as raparigas que acorriam às fábricas.

— No domingo seguinte, servido o almoço, fui autorizada a ir dar um passeio. Ouvia falar num «Presépio» existente no convento da Costa, muito lindo e engraçado. Para lá me dirigi, não sem que passasse pelas Capuchinhas, que me diziam ter sido também um convento de muita virtude. Subida a rampa ali existente, meti pela linha, despreocupada e desentadada. Atingido o lugar escuro e denominado «Ilha dos Amores», apesar de todos os esforços e alento, anuviou-se-me a vista, as pernas fraquejaram, e tombei sem amparo nuns braços hercúleos que me apertavam muito, levada em sumiço a voz que não podia chamar por socorro!

— Diga-me: e era homem?

— Oh, meu senhor! A configuração era a dum homem, mas tão feio — meu Deus! — que ninguém diria estar nos braços dum ser humano. As suas unhas rasgavam-me a carne, o seu resfolgar era intenso e os seus beijos sativos queimavam-me os lábios em temperatura de alta febre de sarampo... Eu tinha ouvido falar dos sátiros torpes e fabulosos. Nunca julguei encontrá-los em vida! Mas, nanja dúvida: eu lembro-me... recordo que, quando me deixou, o estropear era igual àquele que rasava o campo por onde vem a água para o Campo da Feira e o seu riso, que ainda me fere os tímpanos, tinha a mesma retumbância sarcástica do primeiro que escutei quando lá fui lavar a roupa dos amos, faz segunda-feira 3 meses...

— E após o seu quebrantamento?

— Levantei-me cheia de energia, olhei para o lado donde me vinha um susurro e vi-o ainda a correr, pelo monte fora, em direcção à mata da Costa... A máquina cá me ficou no corpo imbele e sacrificado, penetrando-me daquela ternura maternal que jámais conheci, a perpetuar a minha falta e o prazer libidinoso...

Só lhe digo uma coisa: desgraçadas das raparigas que passem por aquele sitio endemoniado e tentador! Éte, por ali anda à espreita, engenhoso e hábil, mordaz e divino.

REPÓRTER L.

FOLHETIM

Por A. L. de Carvalho.

n.º 141

TOURAL

A «Porta da Vila»

De todas as entradas que contava a muralha circuntante do burgo, a principal, aquela que a todas ganhou em popularidade, aquela que o fóro municipal mais elevou às alturas de entrada nobre e principal, foi a Porta de S. Domingos.

Já vimos como outros nomes deram a esta entrada e como a todos os perdeu, para entranhamente, pelos tempos fora, se ficar chamando — «Porta da Vila».

Ora, enquanto de todo se não safa da memória dos homens a sua nomenclatura, consagrada ainda hoje pelo povinho, vamos em sua honra desfiar-lhe memórias do passado, dizer a sua história.

Quando a peste má, a peste negra rondava, de tempos a tempos, o burgo amuralhado tentando, como um lobo voraz, penetrar as suas portas para dizimar a população desprevenida e indefesa, logo as portas da cintura de pedra eram trancadas e corridos seus ferrolhos, apenas se exceptuando uma ou outra, com primazia a porta de S. Domingos.

Em 1531 tomou a vereação na sua sessão de 12 de Abril o seguinte acordado preventivo:

— «§ as portas da vylá q. hon de ser abertas serom as de S. Domingos honde hade ser o juramento dos guardas mores...» (1)

Este corpo de «Guarda-Mores» era recrutado dentre «os mais honrados da

vila», aos quais, como agentes da saúde pública cumpria, em última estância, decidir da licença em as pessoas de fora do termo penetrarem ou não na vila.

Como testemunho de que o último crivo de penetração era a entrada ainda hoje chamada «Porta da Vila», está este artigo do acordado votado em Câmara:

— «§ toda a pessoa de fora do termo q. bier à vylá n.º possa entrar na vylá e arrabaldes sem licença do goarda mor... q. lhe fara ensame donde seja e donde bem e enformado q. bem desempeido ho mandará à porta de S. Domingos honde avera outro juramento do guarda mor...» (2)

Desaparecido o mal da peste o claviculário da «Porta da Vila» continuava o seu exercício normal, de abrir e fechar a porta à hora do tanger do sino na casa da Câmara (3), como antes se tangia no Castelo.

Quando porém dava entrada por essa porta pessoa de estirpe real, uma cerimónia acompanhava esse acto.

Em 1621, dois dias após a cerimonia lutuosa da quebra dos escudos (4) pela morte do 2.º rei filipino, um cortejo real se desenrola festivo, em um domingo de Maio.

Após os charameiros que abriam o cortejo, ia o «vereador mais velho em hum fermoso cavallo ruso, bem agestado he elle bem vestido», seguido do Provedor e oficiais da Câmara com seus estandartes, os Doze dos Misteres, ricos homens e mais gente de representação, «todos vestidos de gala cada um como melhor pode» e, no couce, «a soldadesca bem trajada» sob o comando dum alferes.

Entrando no Toural o cortejo que se formou na Praça Maior, de novo se houve repetir o prego lançado pelo vereador mais velho do alto da sua montada:

Espinhos e acúleos

I

Se o teu amor d'algum dia
Me trouxe penas sem fim,
Foi para dar-te a alegria
De te veres livre de mim.

II

Esp'ranças do teu amor
Sempr- as terei a faltar;
«Mais vale andar no mar alto
Do que junt- à terra andar...»

III

Os olhos com que te vejo
São castanhos como os teus;
Saber qual o seu desejo
E' bem não saber os meus.

IV

«Juizo que falta a muitos
A ninguém sobeja», — é certo.
Quem descubra os seus intuitos
Não deve ser um esperto.

V

E' teu gôsto cochichar,
E tens os ossos num feixe?!

Sê discreto no falar:
— «Pela boca morre o peixe...»

VI

Tenho dentro em meu peito
Um coração aos pulinhos;
Bimbalha de satisfação
Ao festim dos teus beijinhos.

VII

Finda aqui meu canto alegre,
A lira já se quebrou...
Para quem nêle se integre:
«Água o deu... água o levou...»

L. COELHO.

COISAS & LOISAS

PELOS POBRES

A criação da «Casa dos Pobres», bem recebida por toda a gente a quem repugnava o aparato de miséria que dia a dia se desenrolava nas ruas da cidade, veio resolver um problema, cuja resolução se impunha não só sob o aspecto moral como também sob aquele que diz respeito à consideração que todos devemos ter pela infelicidade dos outros. Todavia, a simples fundação desta instituição de beneficência não é o suficiente para solucionar o problema em referência, desde que não seja devidamente amparada por todas as pessoas que possam dispensar-lhe a sua protecção. E digo isto, porque há quem julgue que depois de vencida a primeira dificuldade, ficam vencidas todas as outras. Nem é nem pode ser assim. Se a primeira dificuldade era, realmente, conseguir a criação desta casa, a consequência d'este facto não podia, de forma alguma, deixar de trazer outras dificuldades inerentes ao mesmo fim — aquelas que dizem respeito à sua sustentação. Ora, são estas dificuldades que é necessário vencer, o que somente poderá fazer-se com o devido auxilio. Infelizmente, não sucede assim, pois verifica-se que alguns subscriptores contribuem com um subsídio insignificante, e que são exactamente aqueles que mais podiam beneficiá-la. Como em tudo, há a registar as honrosas excepções, mas o que é verdade é que há uma desproporção muito grande, no geral, quanto a subsídios. Consta-me — e isso não deve andar muito longe da realidade — que um abastado capitalista desta terra se subcreveu com a quantia de 2550 mensais, quando outras pessoas, incomparavelmente menos abastadas, se subcreveram com muito mais. Eu sei que cada um é senhor do que é seu, mas não compreendo o que seja a Caridade daqueles que a não praticam conforme os seus re-

curso. Repartir com os pobres é ter sentimentos que nobilitam quem os possui, atendendo a que esses desgraçados são nossos semelhantes e que adquiriram o direito à vida da mesma forma que aquelas pessoas que nunca conheceram a miséria nem, pelo menos, um certo número de privações. Esta verdade, que ninguém pode contestar, devia ser o bastante para que todos os que pudessem se interessassem de Alma e Coração pelo progresso da «Casa dos Pobres», que não poderá desempenhar uma larga acção de beneficência — como é de desejar — se para isso não tiver os recursos indispensáveis. Sem dinheiro não é possível conseguir-se o verdadeiro objectivo de uma instituição desta natureza, porque, independentemente da alimentação, há pobres — mas pobres de verdade, sem serem daqueles que conseguem atestado menos verdadeiros — que vivem num casebrezinho alugado e que, uma vez impossibilitados de pedirem uma esmola e de receberem um subsídio em dinheiro, não poderão pagar o respectivo aluguer, ficando na contingência de serem despedidos e, portanto, sem abrigo nem *postada*: Mas ainda há mais do que isto, visto que existem, também, os pobres envergonhados, esses infelizes que sofrem ocultamente as maiores agruras da luta pela vida. Diz-se — e é bem certo — que as telhas encobrem muita miséria. E quantos casos destes não há por esse mundo além e até em Guimarães?! Estou convencido de que a digna Direcção da «Casa dos Pobres», que está empenhada em dispensar os maiores benefícios possíveis, não deixará de estudar convenientemente todos estes casos, dignos de muita ponderação. Para que os mesmos possam ser postos em prática, claro está que são precisos os fundos necessários, sem o que nada se poderá conseguir. E é em volta d'este aspecto que eu encontro o verdadeiro fundamento para justificar as ligeiras considerações que acabo de fazer.

COMISSÃO DE ESTÉTICA

Ouçó dizer que há, em Guimarães, uma Comissão de Estética, da qual fazem parte alguns elementos de cuja competência não se pode duvidar. Mas — e cá está o *lat mas!*... — ouço dizer também que a mesma Comissão não tem uns determinados poderes que devia ter, limitando-se a dar o seu parecer, que pode ou não ser tomado em *linha de conta*. Se assim é, não percebo qual seja a sua utilidade, tanto mais que a falta de consideração pela sua opinião acarreta responsabilidades às pessoas que a compõem, colocando-as numa situação pouco lisonjeira, porque há quem não acredite na falta de plenos poderes da mesma Comissão. De facto, a Comissão de Estética não deve estar sujeita ao voto de qualquer simples *amador*, que é o mesmo que dizer que as suas deliberações podem ser postas de parte para não prejudicarem a sugestão de uma ideia de quem, muitas vezes, não tem competência para intervir em certos casos. E é exactamente para assim não succeder, que são escolhidas para a referida Comissão pessoas idóneas, integradas nas regras a que deve obedecer a verdadeira Estética. Em face disto — e caso assim seja — julgo inútil a existência de tal Comissão, que, em meu entender, deve ter, pelo menos, a preocupação de não se poder isentar das responsabilidades que lhe possam ser atribuídas. Mas, para isto, precisa de ter uma existência legal e de possuir um livro de actas das suas reuniões, das quais constarão as deliberações tomadas que *não devam ser revogadas* se não por quem de direito. Porém, se assim deve ser ou não, que o digam os próprios membros da actual Comissão.

QUE MAIS VEREMOS?

O *garotio* voltou-se, agora, para o jardim. Enquanto uns deslizam na relva e sujam os bancos, outros lavam as pernas na água da fonte que está no mesmo jar-

Mas porque as lutas com Castela haviam cessado e as portas e muralhas defensivas iam caindo, na sessão do Senado Municipal realizada em 27 de Fevereiro do ano de 1765, a requerimento do Procurador do Concelho deliberou-se: mandar tirar as portas da vila, todas as nove portas das entradas da vila, pois «estavam descaídas e se lhes roubava a ferragem» e visto não serem precisas, fôsse vendida a madeira. (8)

A última vez que as duas portas do *Toural* sofreram concerto foi em 1735. (9) Trinta anos depois eram postas em leilão!

Contudo, depois de 1765 ainda ali ficaram as pedras da entrada principal da vila, em cujos recantos do seu arco durante o dia se aninhavam tendas (10) e pelo escuro da noite se acoitavam meliantes, a ponto de em Vereação, pelos fins do século XVIII, se ter considerado — que esta garganta dava à vila «uma disforme entrada e (ser) perigosa não só aos carros e carruagens... principalmente de noite, por ser um comodo sitio para roubos, assassínios e devassidões.» (11)

Alguns anos mais decorridos o arco da entrada foi derrubado. Não obstante esta entrada não ter gonso onde girasse a chapeada e pregueada porta do burgo amuralhado, ainda assim depois da sua total destruição, ficou sendo e se ficou denominando — «Porta da Vila».

Entrada principal da vila, ainda no seu lugar se ergueram arcos de triunfo, como outrora, — uma vez por ocasião da visita do General da Província, em 1811, (12) e em outras tantas datas que se celebraram.

Quando nos tempos da minha infância saudosa vinha da Lapinha «a Senhora à Vila», acompanhada da legião imensa dos devotos, os Senhores Cônegos da Insigne e Real Colegiada, e mais os pa-

dim. Poderá ser um desporto muito interessante, mas não está — por mais voltas que queiram dar ao mundo — de harmonia com os progressos da civilização, que já não é a mesma dos primitivos povos. Como não será difícil reprimir estes abusos, que tam mal impressionam todas as pessoas que os presenciavam, bom será que eles não continuem.

PARA SE AVERIGUAR

Quando aparece por aqui algum *regimento* de ciganos, escolhe para acampamento o local dos novos Paços do Concelho, constando-me que algumas vezes se aproveitam do interior do edificio em construção. Será, porventura, o destino que vem a ter aquele grandioso edificio? Sendo assim, não vale apenas, de facto, pensar mais na sua conclusão. Uma simples cobertura de cômo, para impedir os efeitos do *relento da noite*, resolve o problema.

RUA DA ARROCHELA

A proposta do sr. A. L. de Carvalho, sobre a reivindicação da rua da Arrochela, é inteiramente justificável. O que é necessário é pôr a citada proposta em execução e não a deixar adormecer o *sono eterno* de que têm sido vítimas muitas outras.

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO

Há certos *meninos bonitos* que de vez em quando aparecem pelos cafés a deitar pós de espirrar, com absoluto desprezo pela lei que tal proíbe e, além disso, com manifesta falta de consideração por quem já não é criança e que, portanto, não está disposto a suportar semelhantes *reminiscências do paganismo*. Para este e outros factos que são punidos por lei, não há contemplação possível.

EM SILÊNCIO!

Tem sido notado o silêncio do sr. José Gomes sobre a estrada da Corredoura, com geral desgosto para os adeptos do novo traçado, que representam a grande maioria, e que desejam a continuação da campanha, embora não sendo da simpatia do sr. Claro, que conseguiu *duas assinaturas* da Junta de freguesia de Rendufe para pedir à Câmara a execução do antigo projecto.

PiPL

Aos nossos assinantes

Prevenimos os nossos prezados assinantes da cidade de que vamos iniciar a cobrança de mais um trimestre (série de 12 números, do n.º 149 a 160) de assinatura do «Notícias de Guimarães», e de que *nesses recibos vai incluída a importância referente ao Número Especial do Natal*.

Antecipadamente agradecemos o bom acolhimento que se dignarão dispensar-nos.

PROPIEDADES

Vende-se a propriedade da Lage, lugar da Lage, freguesia de Moreira de Coneyos.

E o Casal de Toleiros, freguesia de Pencêlo.

Dirigir propostas ou falar na rua Gravador Molarinho, escritório do Dr. Francisco Pinto Rodrigues, até ao dia 10 do próximo mês de Março.

Pasteis folhados

Apresenta-os frescos todos os domingos

— A —
PENSÃO COMERCIAL
TOURAL GUIMARÃIS

dres «capinhas» e os meninos do côro, seguem de cruz alçada até à «Porta da Vila» a despedir-se da Senhora, enquanto o andor lantejoulado, em reverências, lhes correspondia num «adeus até ao ano».

Mas tudo se diluiu na bruma do tempo.

Esquecidos os homens da governança de que tu, «Porta da Vila», eras um documento vivo do passado e que tinhas contido uma história cheia de recordações; que fôras porta defensiva em horas de perigo e arco de triunfo em dias solenes; que te abrias de par-em-par para receber os reis e te encerravas fielmente para agasalhar um povo; que, finalmente, honraste a chave que te fechou alguns séculos ao correr do sino e te abriu dias sem conta ao dealbar das madrugada, — esquecidos de ti, os ingratos, mandaram-te derrubar, lançar por terra!

Só o povo miúdo, reconhecido, estranho ao fóral de cidade, te continua dando o apelativo carinhoso de — «Porta da Vila».

(1) L.º da Vereação, ano 1531, folha 22.

(2) Idem.

(3) Vide gravura no «Labor da Grei» fol. 37.

(4) No Museu da S. M. S. existe um desses escudos.

(5) L.º 5.º da Vereação, fol. 205 a 208.

(6) L.º 5.º da Vereação, fol. 254.

(7) João de Meira — «O Concelho de Guimarães» pag. 73, 74.

(8) L.º 30.º da Vereação pag. 19.

(9) L.º 24.º » » pag. 174.

(10) Em 20-10-1531 foi prohibido vender debaixo do arco das portas da vila. Efemeride, João Lopes de Faria.

(11) L.º da Vereação, ano 1788, fol. 184.

(12) L.º 37 da Vereação fol. 68.

Ainda a Estrada da Corredoura

De S. Torcato, um amigo pede-nos a publicação do seguinte:

Voltem os jornais a preocupar-se com a opinião que os defensores da Estrada da Corredoura à Castanheira apresentam.

Fogem, no entanto, à crítica, à censura para aqueles que olham para o interesse particular para não molestar pessoas amigas que com eles têm laços de pura amizade, mas falando baixinho, dizendo sempre, não teem razão, dando elogios aquêles que se encontram no verdadeiro campo de justiça e de bom critério. Falou o «Jornal de Notícias», em correspondência de Guimarães, com data de 25 do mês findo, fazendo ver que os interesses particulares não têm permitido que tão boa obra siga a sua marcha, para beneficiar quatro ou cinco freguesias. «O Primeiro de Janeiro» também em correspondência de Guimarães de 17 do corrente, informa que pessoa de grande responsabilidade, lá da cidade, lhe disse que o «Pipi» e o sr. Gomes têm corridas de razão; mas nada dizem contra aquêles que fazem questão e a não deixam passar senão mediante o pagamento de seis contos por um casebre que possuem no lugar de Alvelhe. O próprio «Notícias de Guimarães» endossa as felicitações que algumas individualidades, cá da freguesia, lhe apresentaram, aos srs. Pipi e Gomes, por tão justa e acertada campanha que iniciou. O Rampal, correspondente desta freguesia para o «Notícias de Guimarães», diz que o sr. Claro pediu à Comissão Administrativa da Junta de Rendufe, para pedir à Comissão Administrativa Municipal o seu prosseguimento pelo traçado antigo indo ao lugar das Quintas, etc., etc. Pois bem. Eu confirmo que estou ao lado do Pipi e sr. Gomes, associando-me aos elogios que lhes teem feito, cabendo, em especial, esses elogios ao «Notícias de Guimarães», porque foi ele e só ele, e por meio dele que se descobriu o **questão**. E como, o **faço questão**, agora pede à Junta de Rendufe para pedir a continuação da Estrada, indo ao lugar das Quintas, despresando o lugar de Via-canta, de certo gosta de cantar o vira, cantiga linda e que tanto em voga andou, cantando ainda hoje a seguinte quadra:

Ora agora viras tu,
Ora agora viro eu!
Ora agora viras tu,
Se tu viras também eu.

Isto só parece que gosta de comer o que vomita e embealhar para tornar a dar. Julgo que as cartas do sr. Gomes o descobriram bem, e que a Comissão Administrativa Municipal não aparará o seu jôgo, pois deve conhecer bem o Decalogo do Estado Novo que no seu n.º 8 diz: «O bem geral suplanta e contém o bem individual. Salazar disse: Temos obrigação de sacrificar tudo por todos; não devemos sacrificar tudo por alguns».

Não conhece sr. Claro, o Decalogo do Estado Novo?!... Pois se o não conhece, conhece-o agora. Deixe-se de pedir a ninguém para defender o seu critério ou a sua opinião; porque senão, eu continuarei a rir, a rir, a rir, até misturar o riso com gargalhadas.

E resume-se nisto a Estrada da Corredoura à Castanheira.

Que pensará a Comissão Administrativa Municipal?

S. Torcato, 20-2-1935.

O TORCATENSE.

Gramofones em 2.ª mão

Abílio Martins
- ANTIGA CASA JACOME -

Ainda a propósito do nosso aniversário

O nosso distinto colega «A Aurora do Lima», de Viana do Castelo, refere-se, no seu n.º 16 de 15 deste mês, e nos seguintes termos, ao nosso jornal:

«Esquecemo-nos de fazer referência ao número com que o «Notícias de Guimarães» comemorou o Natal. Está bem posto e primorosamente impresso e colaborado.

Também vimos um pouco tarde felicitá-lo pelo seu 3.º aniversário e pelo excelente número que apresentou. Não tome esta falta como desprimor, pois temos o distinto colega no melhor conceito, mas única e simplesmente pelos muitos serviços que sobrecarregam quem está à frente de um jornal de província.

«Notícias de Guimarães» é um jornal de plástica muito agradável e impõe-se pela sua lealdade e brisa conduta.

As nossas felicitações e largos anos de vida lhe desejamos.

— Também o nosso prezado colega «O Desfôrço», de Fafe, se referiu nos seguintes termos ao nosso aniversário:

«Notícias de Guimarães» semanário brilhante que, defendendo com entusiasmo os interesses do seu concelho, tem penas evidentes a ilustrá-lo: Antonino Dias Pinto de Castro enche-o de merecimento e os seus colaboradores fazem-no marcar: por isso é o número especial, de festa, da entrada no 4.º ano, os reuniu a todos em galeria, nas duas páginas centrais, fazendo-os merecidamente sobressair.»

A todos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Uma entrevista do sr. Presidente do Ministério

O «Século» de ante-ontem publicou uma larga entrevista com o sr. Presidente do Ministério na qual sua ex.ª se refere à vida do país, focando diversos assuntos de ordem administrativa.

A certa altura diz, referindo-se aos impostos de importação criados por algumas Câmaras Municipais: «A Câmara de Guimarães, por exemplo, tributa o algodão entrado no concelho, para o trabalho das fbricas».

«Tenho, por mais duma vez, chamado a atenção, para este estado de coisas, que não pode prolongar-se, indefinidamente, por não ser elástica a capacidade tributária da Nação».

Sentimos o dever de dizer a sua ex.ª que não é verdade que a Câmara deste Concelho tenha tributado o algodão, supondo nós que alguém informou mal o sr. Presidente do Ministério.

Certamente a C. A. levará, sem perda de tempo, até junto de sua ex.ª o necessário esclarecimento. Todavia, com mais espaço voltaremos ao assunto.

Uma Opinião

Se alguém nos perguntasse como classificamos certas *attitudes* tomadas por determinados cavalheiros, nós responder-lhe-íamos prontamente: de atrevidas! E, responderíamos assim porque, com franqueza, achamos inconcebível que criaturas sem aptidões para o desempenho de certos cargos, tomem estes de assalto quando, para isso, se lhes oferece ocasião, não olhando à responsabilidade com que vão arcar, nem tencionando a consideração que lhes deve merecer aqueles a quem fizeram cair no lôgro.

Vem isto a propósito de coisas diversas, mas visa, em especial, a *epidemia* que para aí grassa de correspondentes de jornais, alguns dos quais, a nosso ver, julgamos fariam muito melhor se nunca tivessem saído da obscuridade em que jaziam...

Eu sei — e toda a gente o reconhece — que há, felizmente, alguns criteriosos, competentes e honestos; mas sei, também, que existem outros que possuem o respectivo cartão, sem competência nem autoridade absolutamente nenhuma e, até, dotados de uma ignorância que confunde. Verifica-se este caso, especialmente, — salvo honrosas excepções — nos correspondentes desportivos desta cidade.

Uns escrevem prosa tão *bárbara* que até os próprios bárbaros treremiam na frente dela, se a lêsem; outros, então, nem *bárbara* nem *civilizada*, por não saberem escrever nenhuma. Sabem — isso sabem! — exibir o cartão que lhes fôr fornecido, tomar ares de *grandes senhores* e dizer com uma basôfia que causa dó: «Sou correspondente do jornal X, mas não tenho escrito pelo motivo de não ter tido vagar para o fazer... mas agora... agora vou ver se escrevo!». E assim vão passando o tempo, num autêntico ludíbrio para o jornal e para o público.

Com franqueza! — isto é pouco correcto e não está certo. Quem não tem aptidões para bem desempenhar a missão que lhe fôr confiada, confessa a sua incompetência — porque isso não lhe fica mal — e declina noutrem.

Assim é que nós entendemos que deve ser e, naturalmente assim, que toda a gente de bom senso procederá.

E, portanto, muito louvável que esses cavalheiros entreguem o seu *seu dono* para honra sua e para ver se então Guimarães ficará possuindo quem, digna e competentemente, a defenda das arremetidas de que por vezes é vítima e a põna a côbro do estendal de asneiras, sobretudo em matéria de desporto, com que a cada passo a mimoseiam.

Eis os nossos votos.

BELGATOUR.

Música

CAFÉ ORIENTAL — Despedida da Orquestra

A orquestra do Café Oriental fez, ante-ontem, à noite, a sua despedida, executando, com a colaboração de António Guise e Manuel Marques Ferreira, um programa variado e atraente, em que sobressaíram as magníficas composições de Schubert e outros Artistas consagrados.

Estiveram ali muitas pessoas que aplaudiram os vários números do programa manifestaram, simultaneamente, a sua admiração pelos simpáticos executantes que, há bastantes semanas, vinham deliciando, dia a dia, os *habitues* do «Oriental».

CAFÉ TOURAL — Festa Artística de M. G. Martins

E' hoje que no *Café Toural* o componente da esplêndida Orquestra Portuguesa, Manuel C. Martins, realiza a sua festa artística, oferecendo aos *habitues* um lindo estôjo com uma caneta de tinta permanente e lapiseira, entregue por sorteio.

Manuel C. Martins que além de ser um notável compositor é um músico distintíssimo, grangeou no nosso meio inúmeras simpatias e merece a estima de quasi todos os vimezanenses — razão bastante para que veja na sua festa os amigos que vai deixar, como todos os seus companheiros, com aquela saúde que a lhança do trato e esmerada educação lhes deram.

O programa a executar é dos melhores do seu variado repertório, dividindo-se de 3 partes.

Da Cidade

Jantar de homenagem — Por motivo da próxima partida, para Lisboa, dos srs. Drs. Guilhermino Rodrigues e José Pinto Rodrigue, realizar-se-á na próxima terça feira, no Restaurante Teixeira Mendes, um jantar de despedida em que devem tomar parte muitos dos amigos e admiradores de s. ex.ª.

A inscrição para o banquete encontra-se aberta na Casa das Gravatas.

Baptizado — Na paróquia de S. Paio foi no domingo solenemente baptizado um filhinho do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Menezes, distinto professor da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, desta cidade, e de sua ex.ª esposa, a qual recebeu o nome de Mário.

Foram padrinhos a tia do neófito a sr.ª D. Maria dos Santos Simões e seu filho o nosso bom amigo sr. António dos Santos Simões.

— Na quinta-feira, realizou-se na paróquia da Oliveira o baptizado de uma filhinha do nosso bom amigo sr. Artur Fernandes de Freitas e de sua ex.ª esposa que recebeu o nome de Maria Amélia.

Foram padrinhos os tios paternos, o também nosso amigo sr. Dr. João Fernandes de Freitas e sua ex.ª esposa.

D. Guilherme da Cunha Guimarães — Na quinta-feira partiu para a sua diocese, acompanhado pelo seu secretário particular rev. Francisco Fernandes da Silva, o nosso ilustre conterrâneo sr. D. Guilherme da Cunha Guimarães, Bispo de Angra.

A s. ex.ª desejamos boa viagem.

João de Faria e Sousa Abreu — Em sua última sessão a C. A. da Câmara resolveu aposentiar o zeloso tesoureiro Municipal e nosso bom amigo sr. João de Faria e Sousa Abreu, com a importância mensal de 1.500\$00, e pedir ao sr. Ministro do Interior autorização para abrir concurso para preenchimento daquela vaga, com a remuneração mensal de 800\$00.

Ao sr. João Abreu as nossas felicitações.

Professora D. Maria da Natividade Simões — Por despacho de sua ex.ª o Ministro da Instrução Pública, ficou a pertencer definitivamente ao quadro de professoras da Escola Central Masculina desta cidade, na qual já presta a sua diocese, após a separação dos sexos, a inteligente professora ex.ª sr.ª D. Maria da Natividade Simões. Pela justiça que lhe acaba de ser feita, apresentamos à dita senhora as nossas muito sinceras felicitações.

Presidência da República — Como estava anunciado, realizou-se no domingo passado, em todo o país, a eleição do sr. Presidente da República.

Eis o resultado da votação neste concelho: Recenseados, 5.959; votantes, 5.290.

Contribuições — Os contribuintes que desejem efectuar o pagamento de contribuições e impostos do ano de 1935-36 em prestações, nos casos em que a lei o permite, assim o devem requerer à repartição de Finanças durante o mês de Março.

Nos termos do parágrafo 2.º do artigo 23.º do decreto n.º 24926, de 16 de Janeiro do corrente ano, os contribuintes que fizeram falsas declarações sobre a cessação da sua industria, comêrcio ou profissão, ficarão sujeitos a multa igual a 50 o/o da contribuição que fôr devida.

Taxa militar — Até ao fim do corrente mês está em pagamento a taxa militar.

Ocorrências — João Faria, regedor da freguesia de S. João de Ponte, dêste concelho, apresentou queixa na policia contra José Maria de Castro, da freguesia de S. Martinho de Gande, por êste na segunda-feira passada, no lugar da Ponte, das Caldas das Taipas, o ter atropelado, com a bicicleta em que vinha montado, produzindo-lhe graves ferimentos e pondo-se em fuga, acto continuo.

Aniversário lutooso — Passa amanhã o segundo aniversário do falecimento de Francisco Dias de Castro, saído luto e sempre lembrado pai do nosso director.

Feira Franca em S. Torcato — Como já noticiamos no nosso último número, realiza-se na próxima quarta-feira, dia 27, a grande feira anual, que êste ano promete atingir um brilhantismo superior ao verificado já nos anos transactos.

Durante o dia haverá carreiras de caminhetas entre esta cidade e o local da feira.

Casa dos Pobres — Amanhã, às 12 horas, será servida no magnifico edificio da *Casa dos Pobres*, a primeira refeição aos indigentes protegidos por aquela tam simpática instituição de caridade da nossa terra, que honra não só aquelas pessoas pue conseguiram e trabalharam para a sua fundação, mas também todas aquelas que, mensalmente, continuam a contribuir para que tam necessária obra de assistência se possa manter para honra de Guimarães.

Através do País — Deu-nos, há dias, a honra da sua visita o sr. Mário Prazeres, componente do grupo «Os Lisbonenses» que se dedica a viagens através do País.

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO

ADVOGADOS

Escritório — R. Gravado Molarinho, 32

(Baixos da Assembleia)

TELEFONE, 58

NOTÍCIAS PESSOAIS

CASAMENTO
(Retardado)

Na paróquia igreja de S. Paio de Figueirêdo, deste concelho, realizou-se, no passado dia 11, o casamento da ex.ª sr.ª D. Maria Teresa de Araújo e Abreu Pinheiro Torres, filha da ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Araújo e Abreu Pinheiro Torres e do falecido dr. António Maria Pinheiro Torres, e sobrinha da sr.ª D. Maria Angelina Araújo e Abreu Brandão e dos srs. dr. Manuel Bernardino de Araújo e Abreu, digno Conservador do Registo Civil deste concelho e dr. Alberto Pinheiro Torres, com o ex.ª sr. dr. Francisco Maria Xavier Ribeiro de Meireles, filho da sr.ª D. Isabel Maria Cabral Alvares Ribeiro de Meireles, já falecida, e do sr. António Maria de Meireles, ausente no Brasil.

Celebrou a cerimónia religiosa o rev. Luiz Gonzaga Cabral, tio do noivo, celebrando a missa o rev. Abade da freguesia que lançou a bênção nupcial, acolitado pelos revs. Torcato Afonso Cabral e António de Sousa Monteiro.

Paranupcial: por parte da noiva, sua mãe e seu irmão o sr. dr. António Maria Pinheiro Torres; e por parte do noivo, sua tia a sr.ª D. Maria Adelaide de Meireles e seu primo o sr. engenheiro Pedro Inácio Alvares Ribeiro.

Assistiram ao acto muitíssimas pessoas de familia e amigos íntimos das illustres familias dos noivos, do Pôrto, Foz, Guimarães e das freguesias de Figueirêdo e Leitões, aos quais, no fim e em casa da mãe da noiva, foi servido um delicioso «copo de água», fornecido pela Confeitaria Oliveira, dando lugar a que, ao champanhe, fossem pronunciados diversos brindes de homenagem e felicidades para os illustres noivos, aos quais, por este meio, nos associamos, desejando-lhes um porvir cheio de felicidades e venturas de que são dignos.

Na corbelha dos noivos viam se muitas e valiosas prendas.

Os noivos seguiram ao fim da tarde para o Pôrto e outras terras, em viagem de núpcias.

João Teixeira de Aguiar

Com sua ex.ª esposa regressou de Itália, onde esteve durante alguns meses, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. João Teixeira de Aguiar, que nesta cidade, onde as suas excelentes qualidades e o seu amor bairrista são bem conhecidos, conta gerai simpatias.

A s. ex.ª num grande abraço de boas-vindas.

Dr. Jerónimo Rocha

Esteve entre nós, tendo regressado novamente a Viana do Castelo, em cuja comarca é muito digno Delegado do Procurador da República, o nosso prezado amigo sr. dr. Jerónimo Rocha.

Coronel Alcino Machado

Regressou já, da digressão que andou faz-nos por diversas terras do País, êste nosso simpático amigo e distinto official.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

Dr. Margarida Policarpo

Dr. Margarida Policarpo, que durante algum tempo se fez ouvir ao piano na orquestra do Café Oriental.

Tomaz Rocha dos Santos

Por motivo do falecimento de uma sua tia esteve entre nós êste nosso conterrâneo e distinto vice consul em Verim.

— Deram-nos o prazer da sua visita o nosso conterrâneo sr. capitão António Flores e o sr. Abílio Ferreira da Silva.

— Passou no dia 16 o aniversário natalicio da distinta professora ex.ª sr.ª D. Maria da Natividade Simões, dedicada esposa do nosso ilustre colaborador sr. Mário de Souza Menezes, a quem apresentamos, embora tarde, os nossos mais sinceros cumprimentos.

— No mesmo dia fez anos a interessante menina Adelaide Vaz da Costa Marques, filhinha do nosso bom amigo sr. António Vaz da Costa.

— No dia 15 passou também o aniversário natalicio da sr.ª D. Maria dos Prazeres Ribeiro Vilas Moreira, esposa do sr. António Renato da Fouseira Moreira, e no dia 17 o aniversário natalicio da estimada pianista sr.ª D. Margarida Policarpo. Parabens.

— Tem passado algo encomodado o nosso prezado amigo sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, inteligente chefe da Secção Administrativa da Câmara Municipal, a quem desejamos rápido restabelecimento.

Escola Industrial e Comercial

O Diário do Governo n.º 43 — 2.ª série, de 21 do corrente, publica o seguinte aviso de Concurso:

«Nos termos do disposto nos artigos 62.º-63.º e 73.º do decreto n.º 20 420, de 20 de Outubro de 1931, se faz público que se encontra aberto, perante a respectiva Escola, concurso, pelo prazo de quinze dias, a contar do dia immediato da data da publicação dêste aviso no Diário do Governo, para a admissão de um professor provisório de tecnologia e desenho da Escola Industrial e Comer-

A visita triunfal do VITÓRIA

a Monsão

A viagem — Visita ao Palácio da Brejoira — Recepção na Assembleia — O jôgo — Comentários.

Constituiu um verdadeiro triunfo a viagem do «Vitória», a Monsão.

A's 8 horas, a azáfama em frente à sede do Club era enorme. Retardatários assaltavam as camionetas na conquista do melhor lugar. Todos confiam no valor do «Vitória», desejosos que o futebol vimaranense afixe a sua classe. Bons começos... O Grupo de honra do «Vitória», arrumado nos automóveis, flâmula «branca-preta», ao vento, abalou estrada fora perseguida pelos seus entusiastas. A passagem por Braga os habituais dichotes e provocações dos «discolos», educados por os «calças arregaçadas», mas que não abalaram a boa disposição da caravana. Nos Arcos de Val-de-Vez, a primeira paragem desperta curiosidade e a animação dos vimaranenses. De novo em marcha, foi o «Vitória» recebido junto do Palácio da Brejoira pelos Directores e por alguns adeptos do Desportivo de Monsão. Visita rápida ao elegante solar, e abalada para Monsão, já com um razoável cortejo de automóveis. Os mousanenses haviam vindo para a rua a fim de receberem a embaixada de Guimarães, que se dirigiu à Assembleia onde lhe foram dadas as boas-vindas pelo Presidente do Club de Monsão. Agradeceu António Gualberto e entregou o cartão de sócio e o distintivo do «Vitória», ao Desportivo de Monsão. Muitas palmas e muitos vivos.

O jôgo

A's 15 horas o rectângulo de jôgo já estava emoldurado por uma razoável assistência, destacando-se o elemento feminino. Os grupos entraram no terreno, muito saudosos. As direcções do «Vitória» e do «Desportivo» trocam novamente saudações, oferecendo o «Vitória» um galhardete. O «Desportivo» ofereceu um ramo de flores com fitas das côres do Club. Os grupos aliharam:

Vitória: Adélio; Jaime e Ferreira; Freitas, Gonçalves e Mário; Jairo, Lameiras, Panteleão, Virgílio e Bravo.
Desportivo: Téro; Dario e Henrique; Almeida, Velhas e Botija; Mêlo, Jaime, Artur, Fragoso e Lila. O árbitro, António Simas dá o sinal e o «Desportivo» organisa a primeira avançada e marca goal. O «Vitória» surpreende-o, procura acertar e o jôgo pendee deliberradamente para o terreno do «Desportivo», que se defende com entusiasmo.

A falange vimaranense anima os seus h-mens, mas a defesa adversária faz barreira e dificulta o metralhar dos nossos avançados. Apesar do «Vitória» visar bem a balisa, a defesa multiplica se, salientando-se o guarda-redes e defesa direito. O jôgo está no final dos primeiros 45 minutos com o «Vitória» a dominar ligeiramente, mas com 1-0 para Monsão.

O 2.º tempo

O «Desportivo» procura denodadamente furar a defesa vimaranense e assim, logo nos primeiros minutos, marca o 2.º goal. Porém é sol de pouca dura, porquanto o «Vitória» com calma e afinado o jôgo, põe em perigo o *team* de Monsão, forçando-o a recolher a meio campo, impotente ante técnica do «Vitória». Surge o 1.º goal, na marcação primorosa de um livre, de Lameiras. Minutos decorridos, Panteleão recolhe um passe de Faria e faz 2-2. O «Vitória» continua a insistir e faz 2-2.

O final aproxima se, não sem que Lameiras fixe o marcador em 4-3. A vitória vimaranense deve considerar-se justa. Principalmente na segunda metade fez uma exhibição primorosa. Laurista foi o melhor homem sobre o terreno, distinguindo-se também Lameiras, Virgílio e Mário.

Do «Desportivo», o guarda-redes revelou apreciável classe, distinguindo-se também o defesa direito e o meia esquerda. A linha média é o mais frágil sector do «team».

A arbitragem, confiada a António Simas, foi justa.

Verifica-se que na nossa Escola Técnica vão desaparecendo algumas das suas deficiências, o que a torna de cada vez mais útil, motivo porque felicitamos o seu digno Director e de mais corpo docente, que tanto se interessam pelo progresso dêste estabelecimento de ensino.

FALECIMENTOS

Faleceu nesta cidade, após cruciantes sofrimentos, o sr. António Fortunato da Silva, empregado da Fábrica de Vila Flor, que contava entre nós muitas amizades.

O seu funeral realizou-se ante-ontem na capela da V. O. T. de S. Domingos e foi muito concorrido.

Faleceram também: nesta cidade, a sr.ª Custódia Maria Pereira; e em S. Torcato, o sr. António Bernardino Campos Vieira de Carvalho.

Faleceu ontem o sr. José Martins Gonçalves, industrial, sogro dos nossos amigos srs. António Francisco Ferreira de Castro e José de Oliveira, estimados industriais.

O funeral realiza-se amanhã. Pêzames às familias doridas.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27163

mas, absolutamente correta e imparcial. Desconhecedor da escola de Braga, teve a virtude de não estragar o resultado com "penalty", e vai nisso o melhor elogio.

No final do jogo a Direcção do Desportivo ofereceu um «Monsão d'honra» às duas equipas, que decorreu com muito entusiasmo.

Guimarães enviou a Monsão uma larga representação. Todos retiraram satisfeitos com o carinhoso acolhimento que tiveram.

O público, quando o marcador acusou 4-3, pedia novo empate. Não merecia haver vencido perante a lealdade e o desportivismo com que ambos se houveram.

De entre todos distinguiu-se um rapaz, modesto, muito amável, que procurava atender

tudo e todos. É Puga Pereira, secretário do Desportivo. Com dirigentes assim, todos têm de ser corretos.

Uma afirmação: Lamento que o *Vitória* não esteja no distrito de Viana. Não só melhorava, com o seu real valor, a classe do futebol deste distrito, como também não encontraria as deslealdades de que tem sido vítima. Aqui os homens são desportistas e não doentes ao serviço de clientelas...

O Desportivo de Monsão vem visitar Guimarães. Não precisa de propaganda. Basta o que dizem os Vimaraneses que lá foram com o seu grupo.

A. C.

Anunciar no «Notícias de Guimarães»

CARREIRAS DE CAMINHETAS

João Carlos Soares, proprietário de três luxuosas caminhetas, participa que continua a fazer, semanalmente, às sextas-feiras, a carreira entre Guimarães e Póvoa de Varzim e, às terças e quartas-feiras, respectivamente, para Braga e Fafe, e para todas as romarias. Alugam-se caminhetas.

Escritório: BRAGA & CARVALHO

Praça D. Afonso Henriques

GUIMARÃIS

Transcrição

O nosso prezado colega «A Aurora do Lima» dignou-se transcrever do nosso n.º 152 de 1 de Janeiro do corrente ano, parte de um artigo sobre a acção do desporto no distrito de Braga. Agradecemos.

Agradecimento

José Faria Martins, completamente restabelecido da grave enfermidade que o reteve no leito durante bastante tempo, vem, por este meio, impossibilitado de o fazer pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que, quer directa quer indirectamente, procuraram interessar-se pelo seu estado de saúde.

Ao seu distinto médico assistente — ex.º sr. dr. Isaias Vieira de Castro também agradece, reconhecidamente, o cuidado e carinho com que sempre o tratou. Guimarães, 22 de Fevereiro de 1935.

Tinturaria Portuguesa

Rua de S. Dâmaso, 72-74
GUIMARÃIS

Passa-se este acreditado estabelecimento em virtude do seu proprietário se ter de ausentar.

O actual proprietário encarrega-se de habilitar a pessoa que pretenda trabalhar neste serviço.

Assinar o «Notícias de Guimarães», é dever de todos os vimaraneses.

DESPEDIDA

Ao sair dessa pitoresca terra, para mim de tão gratas recordações, não só pela sua tradição histórica como ainda pela generosidade de sentimentos dos seus ilustres habitantes, não posso deixar de significar, por este meio, quanto de gratidão trouxe na alma pelas inúmeras provas de consideração e estima com que todos me honraram.

A todos os vimaraneses, e aos meus amigos, o meu mais inconfundível sentimento de gratidão; para todos, enfim, o sentido adeus de despedida.

Lagos, 15 de Fevereiro de 1935.

Manuel Fernandes de Oliveira.
furiel da G. N. R.

ENFERMEIRO

Enfermeiro diplomado, com mais de 21 anos de serviço nos hospitais militares, faz todos os tratamentos de enfermagem, curativos, injeções, fricções, por preços conculativos.

Morador — Rua Gravidor Molarinho, 9

CASA

Vende-se uma, em bom estado e bem situada.

Informa-se na redacção deste jornal.

Anunciar no «Notícias de Guimarães».

Do Concelho

S. Torcato, 20.

Falecimento. Diversas notícias

No pretérito sábado, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu, nesta freguesia, o octogenário e proprietário sr. dr. António Bernardino Campos Vieira de Carvalho, distinto advogado, que durante longos anos exerceu nas comarcas da Póvoa de Lanhoso, Vieira e Fafe a advocacia e vários cargos judiciais. Era muito caritativo para com os necessitados e estimado por todas as classes sociais, a quem a sua falta deixa profundas saudades.

O seu funeral realizou-se na segunda-feira última, às nove horas, tendo sido acompanhado até à sua última morada por inúmeros amigos e pelo povo desta freguesia.

Descanse em paz a sua alma. A família esultada apresentamos os nossos sentidos pésames.

No próximo dia 27 do corrente mês, realiza-se neste local a grande feira franca, anual, que, como os anos anteriores, vai ser um importante certame regional, para o que a digna Comissão de Iniciativa de S. Torcato trabalha afanosamente.

Serão distribuídos valiosos prémios aos melhores expositores de gado bovino, suíno e equino.

Recomendamos o máximo cuidado com as carteiras, e a Pensão Restaurante do sr. Leite, onde serão bem recebidos todos os clientes.

Está concluída de pedreiro a capela da água do nosso milagroso S. Torcato. Fica uma obra digna de apreço.

Rampal.

AOS SRS. AGRICULTORES

Empregai nas vossas culturas os Adubos da Sociedade Adubos Norte, L.ª, para que assim tenhais boas culturas.

ADUBOS COMPOSTOS — Adubos Químicos e Químicos Orgânicos.

ADUBOS SIMPLES — Sulfato de Amónio, Sulfato de Potássio, Cloreto de Potássio, Superfosfatos, Nitrato de Sódios do (Chile), Cal Azotada (Cianamida), etc.

NIPHOKALINNE "B", (para batata) uma só adubação, contendo: AZOTE, A. FOSFÓRICO e POTASSA, Constitue uma adubação completa, rica.

BATATAS PARA SEMENTE devidamente seleccionadas com certificados de origem, as seguintes variedades inglesas: Up-to-date, King-Edward e Magestic.

FARINHAS ALIMENTARES, MASSAS DE PURGUEIROS E RICINOS.

Para informações e preços, queiram dirigir-se ao AGENTE EM GUIMARÃIS:

(Casa das Sementes

DE
COSTA & IRMÃO, L.ª.)

João de Freitas Torres Brandão

Rua de S. Dâmaso, 17

GUIMARÃIS

Aos Industriais

FIO EM SIZAL E LINHO
para embalagens

PREÇOS vantajosos

Nesta Redacção se informa.

ADUBOS QUÍMICOS, SULFATO DE COBRE E FERRO,
ÓLEO DE MENDOBI E ENXOFRES;
ÁCIDO SULFÚRICO, CLORETOS LINHAGENS PARA SACOS
E FARDOS, E OUTROS PRODUTOS da

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

da qual são revendedores autorizados

ANTÓNIO DE ARAÚJO SALGADO & C.ª

Rua 31 de Janeiro

que acaba de montar no seu estabelecimento uma secção destes artigos e de outros das melhores procedências, tais como

BATATA DE SEMENTE — Up-to-date — Irlandesa — em depósito

— Magestic — Idem

— Bintje — Holandesa

etc.

Prestam-se quaisquer esclarecimentos e garante-se que os preços estão em concorrência com o mercado local.

FOTO-ELÉCTRICA MODERNA

DE

Domingos Alves Machado

SÉDE: Avenida Cândido Reis — FILIAL: Rua de S. Dâmaso

Neste atelier, que actualmente expõe os arquivos de extintas fotografias na Séde de Turismo, executam-se todos os trabalhos com a máxima perfeição e bom gosto.

ARTE! BELEZA! NITIDEZ!

TIPOGRAFIA MINERVA VIMARANENSE

Execução esmerada
de todos os trabalhos.

Impressões em
côres e preto.

Encadernação.
Livraria editora.

Rua 31 de Janeiro, 133 — GUIMARÃIS